Arte | Educação | Performance
Filosofia | História | Interdisciplinar | Linguística | Literatura

Volume 2026
ISSN 2319-0868

ENTRE PASSOS E PIXELS: TECNOLOGIA, ENSINO DA DANÇA E SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL

BETWEEN STEPS AND PIXELS: TECHNOLOGY, DANCE EDUCATION, AND SAFEGUARDING INTANGIBLE CULTURAL HERITAGE

ENTRE PASOS Y PÍXELES: TECNOLOGÍA, EDUCACIÓN DANCÍSTICA Y SALVAGUARDA DEL PATRIMONIO CULTURAL INMATERIAL

Denise Prado Costa
Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, Pelotas/RS, Brasil

Rodrigo Lemos Soares
Universidade Federal do Pampa - Campus Uruguaiana/ Educação Física, RS, Brasil

Resumo

As danças representam um patrimônio imaterial que traduz a história e a identidade de um povo. Na contemporaneidade, as tecnologias digitais surgem como ferramentas estratégicas para sua preservação, permitindo que o ensino e a difusão cultural ultrapassem fronteiras físicas. Plataformas *on line* e aplicativos interativos oferecem novos espaços para expressão e aprendizagem, mas desafios como desigualdade no acesso às tecnologias e resistência à inovação persistem, refletindo o papel do capital cultural na manutenção das desigualdades sociais. O artigo problematiza como plataformas digitais reconfiguram práticas de ensino da dança, regimes de visibilidade corporal e processos de patrimonialização cultural. Em diálogo com os Estudos Culturais em Educação, discute-se a tecnologia como dispositivo pedagógico inserido nas lógicas do capitalismo digital. Trata-se de um ensaio teórico-reflexivo acerca das relações entre tecnologia, ensino da dança e salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. Fundamentado na revisão narrativa da literatura, problematiza potencialidades e limites das mediações digitais nos processos de transmissão de saberes corporais. O papel do educador é de mediador cultural, propondo experimentações e uma pedagogia inclusiva e participativa, com acesso a saberes, estímulo a autonomia e fomento de diálogos intergeracionais e interculturais. Assim, a salvaguarda das danças tradicionais torna-se uma prática ética e colaborativa, garantindo que o patrimônio imaterial circule na sociedade contemporânea. Conclui-se que as tecnologias digitais não são ferramentas neutras no ensino de danças; elas constituem dispositivos culturais que

COSTA, Denise Prado; SOARES, Rodrigo Lemos. ENTRE PASSOS E PIXELS: TECNOLOGIA, ENSINO DA DANÇA E SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026, e1898, Ano 2026.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

reorganizam pedagogias dos corpos, regimes de visibilidade e disputas simbólicas sobre quais práticas corporais circulam, são legitimadas ou invisibilizadas no capitalismo digital.

Palavras-chave: Dança; Tecnologias digitais; Patrimônio cultural imaterial.

Abstract

Dance represents an intangible heritage that reflects the history and identity of a people. In contemporary times, digital technologies emerge as strategic tools for its preservation, allowing teaching and cultural dissemination to transcend physical boundaries. Online platforms and interactive applications offer new spaces for expression and learning, but challenges such as inequality in access to technologies and resistance to innovation persist, reflecting the role of cultural capital in maintaining social inequalities. This article problematizes how digital platforms reconfigure dance teaching practices, regimes of bodily visibility, and processes of cultural patrimonialization. In dialogue with Cultural Studies in Education, it discusses technology as a pedagogical device embedded in the logics of digital capitalism. This is a theoretical-reflective essay on the relationships between technology, dance teaching, and the safeguarding of intangible cultural heritage. Based on a narrative literature review, it problematizes the potential and limitations of digital mediations in the processes of transmitting bodily knowledge. The educator's role is that of a cultural mediator, proposing experimentation and an inclusive and participatory pedagogy, with access to knowledge, encouragement of autonomy, and promotion of intergenerational and intercultural dialogues. Thus, the safeguarding of traditional dances becomes an ethical and collaborative practice, ensuring that intangible heritage circulates in contemporary society. It is concluded that digital technologies are not neutral tools in dance education; they constitute cultural devices that reorganize pedagogies of bodies, regimes of visibility, and symbolic disputes over which bodily practices circulate, are legitimized, or made invisible in digital capitalism.

Keywords: Dance; Digital technologies; Intangible cultural heritage.

Resumen

La danza representa un patrimonio inmaterial que refleja la historia y la identidad de un pueblo. En la actualidad, las tecnologías digitales se presentan como herramientas estratégicas para su preservación, permitiendo que la enseñanza y la difusión cultural trasciendan las fronteras físicas. Las plataformas en línea y las aplicaciones interactivas ofrecen nuevos espacios para la expresión y el aprendizaje, pero persisten desafíos como la desigualdad en el acceso a las tecnologías y la resistencia a la innovación, lo que refleja el papel del capital cultural en el mantenimiento de las desigualdades sociales. Este artículo problematiza cómo las

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

plataformas digitales reconfiguran las prácticas de enseñanza de la danza, los regímenes de visibilidad corporal y los procesos de patrimonialización cultural. En diálogo con los Estudios Culturales en Educación, analiza la tecnología como un dispositivo pedagógico integrado en la lógica del capitalismo digital. Se trata de un ensayo teórico-reflexivo sobre las relaciones entre la tecnología, la enseñanza de la danza y la salvaguarda del patrimonio cultural inmaterial. A partir de una revisión narrativa de la literatura, problematiza el potencial y las limitaciones de las mediaciones digitales en los procesos de transmisión del conocimiento corporal. El rol del educador es el de mediador cultural, proponiendo la experimentación y una pedagogía inclusiva y participativa, con acceso al conocimiento, fomento de la autonomía y promoción de diálogos intergeneracionales e interculturales. De este modo, la salvaguarda de las danzas tradicionales se convierte en una práctica ética y colaborativa, asegurando que el patrimonio inmaterial circule en la sociedad contemporánea. Se concluye que las tecnologías digitales no son herramientas neutrales en la enseñanza de la danza; constituyen dispositivos culturales que reorganizan las pedagogías del cuerpo, los regímenes de visibilidad y las disputas simbólicas sobre qué prácticas corporales circulan, se legitiman o se invisibilizan en el capitalismo digital.

Palabras clave: Danza; Tecnologías digitales; Patrimonio cultural inmaterial.

Pensamentos introdutórios...

As danças são uma das formas mais antigas e universais de expressão cultural manifestadas em diversas sociedades do mundo. Segundo Graham (1991) são a linguagem oculta da alma. Essa afirmação ressalta como elas transcendem fronteiras geográficas e temporais, servindo como veículo de comunicação e identificação de diferentes coletivos culturais. Para tanto, considera-se cultura como arena de disputas simbólicas e produção de sentidos. Para Hall (1997), os significados culturais são constantemente produzidos, negociados e transformados nos processos de representação. Nesse sentido, as danças tradicionais e contemporâneas também constituem narrativas culturais em permanente reinvenção. Conforme Williams (1983), cultura diz respeito aos modos de vida ordinários, às práticas cotidianas e aos sistemas de significação compartilhados. Assim, as danças ultrapassam o campo artístico estrito, constituindo linguagem social atravessada por afetos, memórias e pertencimentos. Elas transcendem o movimento corporal, pois são constituídas e ensinadas com seus elementos

Volume 2026
ISSN 2319-0868

simbólicos, religiosos, sociais, históricos e artísticos que refletem subjetividades e a memória coletiva de grupos em contextos específicos.

Na contemporaneidade, o ensino das danças tem passado por profundas transformações impulsionadas pela revolução tecnológica, que altera não apenas as ferramentas pedagógicas, mas também as formas de criação, transmissão e preservação dos seus códigos. Isso ocorre em seus variados segmentos, ou seja, desde o ensino formal em escolas e universidades até as práticas comunitárias e profissionais (Soares, 2024). Assim, ensinar implica criar possibilidades para a produção do conhecimento, e não sua mera transferência (Freire, 1996), aspecto essencial quando se pensa o uso crítico das tecnologias no ensino das danças. A inserção das tecnologias digitais no ensino de coreografias possibilita a criação de ambientes interativos, pois o uso de recursos multimídias, como a captura de movimento (*motion capture*), a realidade virtual (RV) e as plataformas de *streaming* de vídeo, democratizou os acessos aos múltiplos conhecimentos.

Entretanto, essa revolução tecnológica também levanta questões relevantes sobre a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial das danças. A transformação central reside na hibridização das formas de transmissão, onde a tradição se desterritorializa, podendo ser acessada fora de seu contexto original. É preciso considerar que na "sociedade digital", a lógica algorítmica define o que aparece e o que desaparece. Han (2022) observa que plataformas transformam sujeitos em dados, convertendo atenção em mercadoria. Tal processo afeta diretamente quais danças circulam e quais permanecem invisíveis. Assim, o desafio é usar a tecnologia como ferramenta de registro e ensino sem que ela se torne um agente de esvaziamento do sentido ritualístico das danças, que insiste na primazia da experiência encenada sobre o registro passivo. Benjamin (1994) já alertava que a reprodução técnica altera a experiência estética e a aura das obras. No caso da dança, a gravação digital preserva movimentos, porém não captura integralmente a presença sensível do acontecimento corporal.

Este ensaio reflexivo fundamentado em revisão narrativa da literatura propõe discutir, em perspectiva dialógica, como as tecnologias digitais reconfiguram os modos de ensinar, aprender e preservar saberes corporais vinculados às danças.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Aborda aspectos da tecnologia na preservação do patrimônio imaterial das danças, buscando compreender como a inovação pode coexistir com a valorização das tradições culturais e como os processos de ensino e aprendizagem das danças são afetados pela virtualização dos saberes. Plataformas de ensino remoto, tutoriais em vídeo, sites de redes sociais e aplicativos especializados tornaram-se espaços privilegiados para a circulação de técnicas e estilos, criando uma rede global de intercâmbio cultural. Essa expansão do acesso, contudo, exige olhar crítico sobre a superficialidade de alguns conteúdos, o apagamento de contextos locais e a possível descaracterização de manifestações tradicionais. Pensa-se que as práticas educativas mediadas por tecnologias podem tanto reproduzir hierarquias quanto abrir espaços de transgressão. hooks (2013) defende uma pedagogia engajada, capaz de romper silenciamentos históricos e valorizar vozes subalternizadas.

Em síntese, o trabalho propõe não apenas uma leitura crítica das ferramentas tecnológicas, mas também uma reflexão sobre as condições socioculturais que determinam quem tem acesso a essas tecnologias e como elas são apropriadas por diferentes sujeitos, assim, questiona-se: o que acontece quando práticas corporais ancestrais passam a depender de plataformas privadas para circular? Ao que se apresenta como uma tese, o fato de que as tecnologias digitais não são ferramentas neutras no ensino das danças; elas constituem dispositivos culturais que reorganizam pedagogias dos corpos, regimes de visibilidade e disputas simbólicas sobre quais práticas corporais circulam, são legitimadas ou invisibilizadas no capitalismo digital. Com base nessas considerações introdutórias, os próximos tópicos apresentam, respectivamente o percurso Teórico-Metodológico, os fundamentos teóricos que sustentam a análise proposta, explorando as intersecções entre patrimônio imaterial, práticas corporais e mediações tecnológicas na contemporaneidade e, por fim, as considerações.

Percurso Teórico-Metodológico

A proposta metodológica deste texto considera a interdisciplinaridade como eixo estruturante, articulando Estudos Culturais, Educação, Antropologia das Danças e tecnologias digitais ao discorrer sobre a coexistência entre tradição e inovação no

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

cenário atual, destacando desafios e possibilidades que emergem dessa relação complexa. Este manuscrito configura-se como ensaio reflexivo fundamentado em revisão narrativa da literatura de abordagem qualitativa, construído a partir do diálogo crítico com produções acadêmicas do campo das danças, educação, patrimônio cultural e tecnologias digitais. Conforme Meneghetti (2011), o ensaio caracteriza-se pela liberdade analítica, densidade interpretativa e problematização conceitual, não se restringindo à lógica protocolar das pesquisas empíricas.

O texto foi organizado como ensaio crítico-reflexivo, sustentado por revisão narrativa de literatura. Foram mobilizados autores/as nacionais e internacionais que discutem dança, mediações tecnológicas, pedagogias do corpo e patrimônio cultural imaterial. A seleção bibliográfica privilegiou produções de reconhecida relevância teórica e aderência temática ao objeto investigado. A revisão bibliográfica assumiu caráter narrativo e exploratório (Rother, 2007), buscando reunir contribuições significativas ao debate contemporâneo sobre dança, tecnologia e patrimônio imaterial. A leitura do material concentrou-se na identificação de núcleos temáticos recorrentes, tais como mediação tecnológica, formação docente, democratização do acesso e tensões entre inovação e tradição.

Tecnologias no ensino das danças: a integração entre tradição e inovação

As tecnologias digitais operam contemporaneamente como pedagogias culturais, ensinando modos de ser, sentir, consumir e performar corpos. Giroux (2001) argumenta que a educação não se restringe à escola, sendo produzida também por mídias, plataformas e indústrias culturais. O ensino das danças, tradicionalmente baseado na transmissão oral e na prática presencial, tem incorporado progressivamente tecnologias digitais, que ampliam possibilidades pedagógicas e criativas. O uso de tecnologias como "[...] sensores de movimento, realidade aumentada, captura de movimento e mapeamento de projeção tem transformado a forma como os estudantes interagem com o corpo e o espaço" (Rengel, 2019, p.48). Para tanto, reitera-se o fato de que os corpos nunca são neutros. Eles são alvo de discursos, normatizações e técnicas de adestramento. Foucault (1987) demonstra que instituições modernas produzem corpos úteis e

Volume 2026
ISSN 2319-0868

dóceis, aspecto que permite problematizar também certas metodologias rígidas no ensino das danças.

A utilização de sensores de movimento, ou sistemas mais avançados de captura desses, permite registros em tempo real e transformados em dados digitais. Isso possibilita a análise detalhada da técnica, o *feedback* instantâneo e a criação de performances híbridas que combinam dança e tecnologia. Conforme destacado por Silva Júnior (2024), essas ferramentas favorecem uma aprendizagem mais objetiva e personalizada, pois o/a estudante pode visualizar seus movimentos em 3D, identificar erros e aprimorar sua técnica com base em dados concretos. Outras tecnologias que têm ganhado espaço na transmissão de saberes corporais é a realidade aumentada (RA) e a realidade virtual (RV). Esses recursos criam ambientes imersivos que permitem experimentar diferentes espaços cênicos e interagir com elementos virtuais, ampliando a percepção corporal e espacial. De acordo com Calliari (2023), a RA pode ser utilizada para projetar guias visuais que auxiliam na execução dos passos, enquanto a RV possibilita a simulação de apresentações e ensaios em ambientes virtuais, facilitando o treinamento remoto e colaborativo.

A popularização da internet, a pandemia do COVID-19, na questão vivida pelo mundo todo com relação ao distanciamento social e as plataformas digitais também transformaram o acesso ao ensino das danças. A exemplo disso, tem os vídeos tutoriais, aulas *on line* ao vivo, fóruns de discussão e sites de redes sociais que criam comunidades globais de aprendizagem, onde são trocadas experiências, aprendem-se estilos e acessam-se repertórios diversificados nos segmentos dançantes. Nesse sentido, as plataformas digitais potencializam formas de inteligência coletiva, entendidas como produção compartilhada de saberes em rede (Lévy, 1999). Amaral, Volpe e Garbin (2020) ressaltam que essa democratização do acesso contribui para a valorização de expressões corporais menos conhecidas e para a inclusão de grupos sociais tradicionalmente marginalizados.

No entanto, essa expansão do ensino digital também traz desafios, como a necessidade de adaptação dos conteúdos para formatos virtuais, a limitação da interação física e a dependência da infraestrutura tecnológica, que pode ser desigual

entre diferentes regiões e populações. É preciso ponderar o fato de que o acesso às tecnologias não se distribui de forma igualitária. Bourdieu (2007) demonstra que os capitais econômico e cultural influenciam fortemente as possibilidades de apropriação dos bens simbólicos, inclusive digitais. A revolução tecnológica no ensino das danças não se limita à introdução de novos aparelhos e *softwares*, mas implica uma transformação profunda nos métodos pedagógicos e na concepção de corpos e movimentos, considerando as "[...] bases metodológicas centradas na consciência corporal, na expressividade e na técnica" (Caminada, 2019, p. 288). Esses métodos enfatizavam a prática presencial, a observação direta e a transmissão oral, valorizando a experiência sensorial e a relação entre docente e estudante.

Entretanto, com disseminação de materiais virtuais é preciso considerar que nem toda informação gera experiência; no campo artístico, a aprendizagem exige tempo sensível, presença e elaboração subjetiva (Larrosa, 2002). Em tempos de excesso de informação, experiência tornou-se rara. Larrosa (2002) afirma que aprender exige pausa, escuta e elaboração sensível. Isso é central para o ensino da dança, frequentemente reduzido a tutoriais rápidos e consumo instantâneo. Com a chegada das tecnologias digitais, esses fundamentos são ampliados, mas não substituídos. A revolução metodológica, no entendimento de especialistas, como destaca Ivani Santana,

> A incorporação tecnológica na dança deve preservar a essência humana e expressiva do corpo, evitando que a técnica domine a performance a ponto de torná-la mecânica ou desprovida de emoção, integrando os conhecimentos clássicos com as possibilidades tecnológicas, criando uma abordagem híbrida que potencializa o ensino da dança (Santana, 2006, p. 86).

A tecnologia, "[...] pode ser utilizada para documentar os processos de aprendizagem, permitir a experimentação coreográfica e facilitar a análise crítica do movimento, enriquecendo a formação do bailarino e da bailarina" (Valle e Ivanoff, 2021, p. 59). Além dos métodos tradicionais, as tecnologias digitais possibilitam o desenvolvimento de novas linguagens e expressões corporais. Butler (2003) contribui ao compreender os corpos como performatividade, isto é, como produção

Volume 2026
ISSN 2319-0868

reiterada de normas culturais. Em ambientes digitais, novas performances corporais emergem, tensionando gênero, subjetividade, visibilidade e ensino.

Nesse sentido, a interação com ambientes virtuais, a manipulação de imagens em tempo real e a criação de performances multimídia expandem o conceito de dança para além do corpo físico, incorporando elementos digitais como parte da coreografia. Isso exige do professor e estudante "[...] uma abertura para a experimentação e uma formação interdisciplinar que envolva conhecimentos de tecnologia, arte digital e comunicação [...]" (Silva Júnior, 2024, p. 34). Essa expansão requer, portanto, uma reconfiguração das práticas pedagógicas, nas quais os corpos dançantes deixam de ser o único suporte da expressão artística, abrindo espaço para a mediação tecnológica como parte constitutiva da linguagem. Reitera-se que os corpos, historicamente regulados por dispositivos disciplinares, também se reinventam nas ambiências digitais, onde novos regimes de visibilidade e performance emergem (Foucault, 1987).

Tal mudança demanda também uma revisão dos paradigmas educacionais aplicados ao ensino das danças, ampliando o campo de atuação do professor, que passa a mediar não apenas os saberes técnicos e expressivos do movimento, mas também os recursos tecnológicos que o potencializam. A formação docente, nesse cenário, pressupõe um compromisso com a atualização contínua e com a incorporação crítica das ferramentas digitais, assegurando que a inovação não descaracterize os fundamentos culturais e simbólicos das danças. Trata-se de um equilíbrio delicado entre tradição e inovação, em que a tecnologia deve ser compreendida como aliada e não como substituta da experiência corporal vivida.

Além disso, a incorporação de recursos digitais no ensino das danças favorece os usos de metodologias ativas e colaborativas, que promovam autonomia dos/as estudantes e ampliem suas possibilidades criativas. A aprendizagem deixa de estar centrada na repetição de movimentos e passa a integrar processos de criação coletiva, análise crítica e experimentação tecnológica. Nesse cenário, o papel do educador também se transforma, exigindo competências que ultrapassam os domínios técnicos das coreografias, envolvendo habilidades de mediação cultural e tecnológica. Diante disso, é necessário refletir sobre as condições de formação

Volume 2026
ISSN 2319-0868

inicial e continuada dos docentes, a fim de assegurar uma atuação crítica e consciente frente às inovações digitais, pois, a revolução tecnológica também impõe desafios pedagógicos, como a adaptação dos currículos e a garantia de que a tecnologia seja um meio e não um fim no processo educativo. Assim, alerta-se para o risco de que "[...] a tecnologia se torne uma distração ou um substituto da prática corporal efetiva, comprometendo a qualidade do ensino [...]" (Silva Júnior, 2024, p. 36).

A Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, adotada pela UNESCO em 2003, define esse patrimônio como o conjunto de práticas, representações, expressões, conhecimentos e competências, bem como os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais que lhes estão associados, reconhecidos pelas comunidades, grupos e, em alguns casos, indivíduos como parte integrante de seu patrimônio (UNESCO, 2003). O conceito de salvaguarda ultrapassa a noção de mera preservação documental. Segundo a UNESCO (2003), salvaguardar envolve identificar, documentar, pesquisar, transmitir e revitalizar práticas culturais reconhecidas pelas comunidades como parte de seu patrimônio vivo. Para Chuva (2012), políticas de salvaguarda precisam considerar os sujeitos portadores dos saberes, evitando processos de folclorização e congelamento cultural.

Nesse contexto, essa forma de expressão corporal e artística constitui um exemplo de patrimônio imaterial. Para Canclini (1997) tradição e modernidade não se excluem, mas se articulam em negociações permanentes, isso porque, as culturas contemporâneas são marcadas por processos híbridos. Desse modo, a digitalização das danças pode ser lida não apenas como ameaça, mas também como reconfiguração cultural. Segundo Diegues (1996), essas práticas são continuamente reinventadas e adaptadas pelas comunidades, refletindo as transformações sociais e culturais ao longo do tempo. Tal aspecto evidencia a importância da preservação das manifestações que compõem a identidade e a memória dos povos. Desse modo, a salvaguarda dessas expressões e de seus segmentos configura-se como um tema central, que envolve tanto a valorização das tradições quanto a necessidade de adaptação às mudanças sociais e tecnológicas.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Considerando essa perspectiva, parece fundamental compreender as danças como um processo dinâmico, marcado por múltiplas camadas de significados que se reconfiguram de acordo com o tempo, o espaço e as interações sociais. A patrimonialização das danças, portanto, precisa ser encarada como um reconhecimento da diversidade de expressões que coexistem e dialogam no presente. Preservar expressões corporais é, nesse sentido, assegurar que suas múltiplas formas continuem a se reinventar sem romper os vínculos com as raízes que lhes conferem significado, pois a valorização exclusiva de repertórios hegemônicos produz epistemicídios culturais. Ao se discutir sua salvaguarda como patrimônio imaterial, consideram-se as condições socioculturais das comunidades que mantêm tais práticas vivas. A valorização institucional dessas manifestações deve caminhar junto ao fortalecimento dos sujeitos que as produzem, com o devido reconhecimento de seus saberes e modos de vida. Assim, políticas públicas de proteção do patrimônio imaterial precisam ser sensíveis às especificidades locais e devem promover a participação ativa das comunidades na construção das estratégias de salvaguarda, respeitando seus desejos, ritmos e modos próprios de transmissão cultural.

A tecnologia tem desempenhado um papel fundamental na documentação e na difusão das danças. Por meio de vídeos, arquivos digitais, plataformas de *streaming* e redes sociais, torna-se possível registrar e compartilhar as manifestações culturais, ampliando o alcance e o reconhecimento dessas práticas (Teixeira e Reis, 2013). Além disso, a digitalização dos acervos culturais contribui significativamente para a preservação do patrimônio, bem como para o desenvolvimento da pesquisa acadêmica, uma vez que facilita o acesso às informações e promove a troca de conhecimentos. Nessa perspectiva, a massificação e a adaptação das danças às linguagens digitais podem provocar a descaracterização e a perda de significado cultural. Isnart (2021) adverte que a transformação dessas práticas em produtos culturais voltados para o consumo global tende a comprometer sua autenticidade e seu valor simbólico, reduzindo-as a espetáculos descontextualizados. Complementando Carvalho e Pronsato (2020) ressaltam que a tecnologia precisa atuar como mediadora, e não como substituta da

presença física e da conexão emocional, a fim de preservar o potencial comunicativo da dança.

A salvaguarda do patrimônio imaterial relacionado a essas expressões corporais exige, portanto, um equilíbrio cuidadoso entre a incorporação de inovações tecnológicas e o respeito às tradições culturais. Essa perspectiva pressupõe a participação ativa das comunidades detentoras desses saberes na definição das estratégias de preservação, bem como na apropriação crítica das tecnologias disponíveis (Carvalho e Pronsato, 2020). Nesse cenário, os recursos digitais devem ser compreendidos como instrumentos de fortalecimento da identidade cultural, de fomento à educação patrimonial e de garantia da continuidade dessas manifestações enquanto expressões vivas da memória coletiva (Soares, Costa e Graeff, 2022). Iniciativas culturais que integram ferramentas digitais à preservação e revitalização desse tipo de patrimônio, como o desenvolvimento de aplicativos educativos, plataformas interativas e arquivos colaborativos *on line*, exemplificam abordagens que conciliam inovação com valorização das tradições. Essas experiências demonstram que, quando orientadas por uma escuta sensível às comunidades envolvidas, as tecnologias podem ampliar o alcance e a sustentabilidade das práticas culturais, sem comprometer sua autenticidade (Carvalho e Pronsato, 2020).

Considerações

Com base nas reflexões apresentadas este ensaio crítico contemporâneo sobre cultura, corpo, educação e disputas simbólicas no capitalismo digital discutiu inter-relações entre tecnologia, salvaguarda e práticas comunitárias no contexto das danças, buscando compreender de que modo as inovações digitais vêm sendo incorporadas nos processos de preservação cultural. As reflexões desenvolvidas evidenciam que a relação entre dança e tecnologia exige abordagens críticas capazes de articular inovação, memória e participação comunitária. Para tanto, reiteram a tese de que as tecnologias digitais não são ferramentas neutras no ensino da dança; elas constituem dispositivos culturais que reorganizam pedagogias do

Volume 2026
ISSN 2319-0868

corpo, regimes de visibilidade e disputas simbólicas sobre quais práticas corporais circulam, são legitimadas ou invisibilizadas no capitalismo digital.

Ao longo deste texto fez-se um mergulho nas fontes teóricas que embasam os pontos positivos e negativos ao unirmos a tecnologia no ensino de dança. A esse respeito, viu-se que ferramentas como sensores de movimento, realidade aumentada, plataformas *on line* e captura digital enriquecem o processo de aprendizagem, democratizam o acesso ao conhecimento e estimulam a inovação artística. Nesse sentido, Santana (2006) observa que a dança mediada por tecnologias não se limita à simples justaposição entre corpos e dispositivos, mas constitui uma relação integrada que expande a percepção corporal e do movimento, abrindo caminho para novas formas de composição e improvisação. Ademais, a autora ressalta que a utilização da tecnologia na dança possibilita "[...] investigar a percepção do bailarino para encontrar novas ignições para o movimento" (Santana, 2006, p. 146).

Por meio dessas tecnologias, os/as estudantes podem experimentar novas formas de interação com o movimento, visualizar e analisar seus próprios gestos em tempo real. Além disso, é possível acessar conteúdos de diferentes culturas e estilos corporais expressivos, independentemente da localização geográfica. De forma complementar, os recursos digitais possibilitam a personalização do ensino, permitindo que cada estudante avance no seu ritmo e explore aspectos específicos dessa linguagem artística que mais despertam seu interesse. A utilização de vídeos interativos, tutoriais digitais e ambientes virtuais colaborativos cria um espaço de aprendizagem dinâmico e motivador, que pode atender tanto a iniciantes quanto pessoas em nível avançado. Essa flexibilidade contribui para o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e emocionais, tornando o processo educativo mais completo e integrado.

Entretanto, a premissa de revolução deve ser conduzida com responsabilidade e sensibilidade cultural, considerando os desafios pedagógicos e as implicações para a preservação do patrimônio cultural imaterial das danças. Parece fundamental que educadores/as utilizem as ferramentas digitais como complementares às práticas presenciais, sem que estas substituam o diálogo. Como

Volume 2026
ISSN 2319-0868

lembra Freire (1996), ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção. A tecnologia, portanto, só se justifica pedagogicamente quando amplia diálogo, autonomia e criticidade.

Assim sendo, a incorporação tecnológica requer uma formação adequada dos/as professores/as, que precisam estar preparados/as para lidar com as novas ferramentas e para mediar o uso crítico e ético da tecnologia no ensino. É importante também que haja uma infraestrutura acessível e inclusiva, para que as desigualdades sociais e regionais não se aprofundem no acesso ao ensino das danças. A tecnologia deve ser um instrumento de inclusão, e não de exclusão. Os meios tecnológicos podem ser poderosos aliados na documentação, difusão e revitalização de práticas artísticas vinculadas ao movimento e seus diversos segmentos, desde que respeitem a autenticidade, o contexto cultural e a participação das comunidades detentoras desses saberes. Projetos que envolvem gravações em alta definição, criação de arquivos digitais e produção de conteúdo multimídia podem contribuir significativamente para a valorização e preservação da memória coletiva, garantindo que essas manifestações culturais sejam transmitidas às futuras gerações.

No entanto, é necessário que essas iniciativas sejam desenvolvidas com o consentimento e a colaboração ativa das comunidades, evitando a apropriação indevida ou a descontextualização das expressões culturais. O equilíbrio entre tradição e inovação é fundamental para garantir que o ensino das danças e o papel do/a professor/a, no mundo atual, contribuam para a valorização da diversidade cultural, o fortalecimento das identidades e a continuidade das manifestações culturais como patrimônio vivo.

As danças, enquanto linguagem corporal e expressão cultural, precisam manter sua essência e significado, mesmo quando mediada por novas tecnologias. Assim, o futuro do ensino das danças está na integração harmoniosa entre corpos, tecnologias e culturas. Essa integração deve promover um diálogo constante entre o passado e o presente, entre o tradicional e o contemporâneo. A tecnologia, quando usada com consciência e criatividade, pode ampliar os horizontes das danças, abrir novas possibilidades de expressão e fortalecer os vínculos culturais. A digitalização

Volume 2026
ISSN 2319-0868

das danças não deve ser compreendida apenas como um avanço técnico, mas como uma oportunidade para repensar práticas pedagógicas, valorizar a diversidade cultural e fomentar uma educação artística atenta às necessidades do mundo contemporâneo. Assim, as elas se preservam como linguagem capaz de conectar pessoas, narrar histórias e transformar realidades.

Nesse contexto, é necessário reconhecer que a presença das tecnologias digitais no campo das artes do movimento não elimina o corpo presente, mas amplia suas possibilidades expressivas e pedagógicas. Plataformas virtuais, aplicativos e redes de compartilhamento configuram novos espaços de criação e circulação, favorecendo o diálogo entre culturas e linguagens distintas. Essa forma de arte transita, portanto, entre o espaço físico e o digital, reafirmando-se como campo de produção simbólica e de construção da memória social.

Para educadores/as, esse cenário impõe o desafio de incorporar as tecnologias de forma crítica e criativa, considerando-as recursos que podem enriquecer os processos de ensino e aprendizagem. Isso exige propostas que respeitem as vivências, valorizem referências culturais e proporcionem experiências significativas, que estimulem o autoconhecimento corporal e a leitura sensível do mundo. Além disso, a digitalização contribui para ampliar o acesso a práticas artísticas. Pessoas com deficiência, moradores e moradoras de periferias e comunidades distantes dos centros culturais encontram, nas plataformas digitais, novas formas de aprender, criar e compartilhar suas expressões. Esse movimento favorece a democratização do conhecimento e fortalece a construção de uma sociedade mais justa.

Por fim, mesmo mediada por tecnologias, as danças permanecem vinculadas às experiências humanas. Seus gestos e ritmos refletem as tensões e desejos de cada época. Cabe, então, aos profissionais da área e às instituições educativas garantir que essa linguagem siga cumprindo seu papel social e formativo: sensibilizar, provocar reflexão e aproximar sujeitos e coletividades, entre outros. Para tanto, parece necessário considerar que tecnologias são dispositivos culturais que produzem pedagogias, regulam visibilidades, tensionam identidades e reconfiguram formas de transmissão do patrimônio corporal. Por fim, no capitalismo

digital, não basta perguntar como ensinar danças com tecnologias; torna-se urgente perguntar quais corpos podem aparecer, quais memórias podem circular e quais culturas seguem autorizadas a existir.

Referências:

AMARAL, Sérgio Ferreira do; VOLPE, Maria Fernanda Elias; GARBIN, Mônica Cristina. (Orgs.). **Dança e tecnologia**: quais danças estão por vir? Salvador: ANDA Editora, 2020.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**. Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Porto Alegre: Zahar, 2003.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALLIARI, Izabel Cristina Ribas Rodrigues. **Método de ensino da dança escolar baseado nas teorias da dança moderna**. Rio de Janeiro: Vozes, 2023.

CAMINADA, Eliana. **História da dança**: evolução cultural. 15. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2019.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. [Trad.] Heloísa P. Cintrão e Ana R. Lessa. São Paulo: EDUSP, 1997.

CARVALHO, Thainá Maria Silva; PRONSATO, Laura. Interações entre dança e tecnologia: um estudo prático-teórico sobre a dança mediada por dispositivos tecnológicos. **Palíndromo**, v. 12, n. 26, p. 110-124, jan.- abr. 2020.

CHUVA, Márcia. **Patrimônio cultural**: políticas e perspectivas. Rio de Janeiro: IPHAN, 2012.

DIEGUES, Antônio Carlos. **As comunidades tradicionais e a questão ambiental no Brasil**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIROUX, Henry. **Pedagogia e política da esperança**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

COSTA, Denise Prado; SOARES, Rodrigo Lemos. ENTRE PASSOS E PIXELS: TECNOLOGIA, ENSINO DA DANÇA E SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026, e1898, Ano 2026.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

HALL, Stuart. A centralidade da cultura. **Educação & Realidade**, 1997.
HAN, Byung-Chul. **Infocracia**. Petrópolis: Vozes, 2022.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

ISNART, Cyril. "Contradanças não há argumentos: a dança entre patrimônio e tecnologia**". Revista de Estudos Culturais**, edição 6, 2021. São Paulo/SP.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência. **Revista Brasileira de Educação**, 2002.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Atlas, 1999.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. O que é um ensaio-teórico? **Revista de Administração Contemporânea**, v.15, n.2, p.320-332, 2011.

RENGEL, Lenira Peral**. A dança como tecnologia educacional II**. Salvador: Escola de Dança, Superintendência de Educação a Distância, 2019.

ROTHER, Edna. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, 2007.

SANTANA, Ivana. **Dança na cultura digital**. Salvador: EDUFBA, 2006.

SILVA JÚNIOR, José Adailton da. **A Mídia-educação e tecnologia no ensino da dança: uma experiência no ensino médio em uma escola de referência integral de Pernambuco**. 2024. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física) - Rede Nacional - ProEF, Universidade de Pernambuco. 2024.

SOARES, Rodrigo Lemos. Entre itans, memórias e imaginários: infâncias dos terreiros e suas presenças artístico-religiosas. **Arte da Cena (Art on Stage)**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 245–275, 2024.

SOARES, Rodrigo Lemos; COSTA, Denise Prado; BASTOS, Billy Graef. Da escola ao palco: relações entre educação e as danças, a partir do Festival Dança Estudantes. **Revista da FUNDARTE**, [S. l.], v. 52, n. 52, 2022.

TEIXEIRA, Clotildes Avellar; REIS, Alcenir Soares dos. Informação e patrimônio cultural imaterial: uma proposta de cidadania digital. **Eptic Online**, São Cristóvão, v. 15, n. 2, p. 201–216, 2013.

UNESCO. **Convention for the safeguarding of the intangible cultural heritage**. Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, 2003.

COSTA, Denise Prado; SOARES, Rodrigo Lemos. ENTRE PASSOS E PIXELS: TECNOLOGIA, ENSINO DA DANÇA E SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026, e1898, Ano 2026.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

VALLE, Flavia Pilla do; IVANOFF, Vanessa de. Dança, educação e tecnologia. **Revista da Fundarte**, v. 44, p. 1-15, 2021.

WILLIAMS, Raymond. **Keywords**. New York: Oxford University Press, 1983.

Recebido em:21/04/2026.
Aceito em:03/06/2026.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

" O PRESENTE TRABALHO FOI REALIZADO COM APOIO DA COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR- BRASIL (CAPES) - CÓDIGO DE FINANCIAMENTO 001"

Nome do Autor: Denise Prado Costa
Minibiografia: Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande (1990). Especialização em Dança/ PUC - RS (2004). Mestre em Educação na Linha de pesquisa: Formação de Professores e Práticas Educativas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande (2022). Discente do curso de Doutorado no programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, na linha de pesquisa Memória e Identidade Social da Universidade Federal de Pelotas, sob a orientação da professora Francisca Ferreira Michelon . Professora concursada da rede pública municipal de ensino, desde 1987, na Prefeitura Municipal do Rio Grande. Tem experiência na área das Danças, Educação e produção de projetos artístico-culturais. Integra o Grupo de Pesquisas GEPCEF e, também, do CORPOGRAFIAS, ambos vinculados ao Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande/ FURG.
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7294-3882
E-mail: denacostaprado@gmail.com

Nome do Autor: Rodrigo Lemos Soares
Minibiografia: Docente Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) Campus Uruguaiana; Professor de Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Pedagogo pela Faculdade Intervale; Mestre em Educação em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde em ampla parceria entre FURG - UFRGS - UFSM, do Instituto de Educação, na linha de pesquisa: Educação científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos; Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande, no programa de Pós-Graduação em História (PPGH -

REVISTA DA FUNDARTE

FURG) do Instituto de Ciências Humanas e da Informação (ICHI), na linha de pesquisa Campos e linguagens da História; Especialista em Ensino de Artes, pela Faculdade Intervale; Especialista em Educação Física Escolar pela Pós-Graduação em Educação Física escolar do Instituto de Educação - FURG; Discente de doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE - UFPEL), na linha de pesquisa Cultura Escrita, Linguagem e Aprendizagem e do curso de graduação em Dança - licenciatura (UFPEL); Discente do curso de Graduação em Dança - Licenciatura, da Universidade Federal de Pelotas. Pesquisador do CORPOGRAFIAS - Laboratório de Estudos da Cultura Corporal, Movimento e Gesto: o centenário da dança em Rio Grande/ RS (1920-2020) (IE/ FURG); do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa: Narrativas, Arte, Linguagem e Subjetividade (GIPNALS), do Observatório de Memória, Educação, Gesto e Arte (OMEGA UFPEL - CNPq/ CAPES) e, também do Observatório de Políticas Públicas da Cultura Corporal (OCUCO - FURG). Tem experiência na área de Educação Física escolar e não escolar; Danças clássicas, modernas étnico e folclóricas; Ginástica Artística e Rítmica, Recreação e Lazer, na Educação Popular em cursos Pré-ENEM, Professor conteudista, revisor de textos e materiais didático pedagógicos para instituições de ensino superior (graduação e pós-graduação) e em Tutoria presencial e a distância. Professor substituto lotado no Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande com atuação nos cursos do Instituto de Educação (IE), Instituto de Letras e Artes (ILA), Instituto de Ciências Humanas e da Informação (ICHI), bem como, nas práticas desportivas ofertadas a todos os cursos desta instituição.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1690-8991
E-mail.: rodrigosoaresfurg@gmail.com

CC BY

COSTA, Denise Prado; SOARES, Rodrigo Lemos. ENTRE PASSOS E PIXELS: TECNOLOGIA, ENSINO DA DANÇA E SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026, e1898, Ano 2026.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE